



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A CONFIGURAÇÃO DOS DÊITICOS AQUI, LÁ E ALI NO DISCURSO POLÍTICO DA PROF^a AMANDA GURGEL

Maria Aldenora Cabral de Araújo*
(UFPE)

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar o traço funcional dos dêiticos aqui, lá e ali na organização do discurso de Amanda Gurgel. Para isso, a pesquisa se concentra em uma abordagem indutiva, objetiva e descritiva a partir de pressupostos da semântica enunciativa e da pragmática. Para a análise da configuração, dois parâmetros de ancoragem foram levados em considerações: (i) os dêiticos são indicadores de subjetividade (eu/tu); e (ii) os dêiticos remetem a pontos diferentes de referência, que, nesse estudo, só se encontram no espaço real da enunciação e no contexto discursivo. Os resultados obtidos apontam que enquanto a organização do aqui ocorre ou próxima à fala do locutor¹³ ou então próxima à dos interlocutores, os dêiticos lá e ali se organizam em torno da fala do locutor na instância enunciativa de monitoramento cognitivo.

PALAVRAS-CHAVE: Dêixis, Locutor, Espaço.

INTRODUÇÃO

Geralmente designadas, nas gramáticas e nos dicionários, como advérbios de lugar ou como palavras que situam pessoas e objetos, certas palavras dísticas, como, por exemplo, 'aqui', 'lá' e 'ali', merecem, em nossa compreensão, uma

* Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco, no Grupo de Pesquisa de Linguagem, Tecnologia e Ensino. E-mail: maca.duda@ig.com.br

¹³ Os termos locutor e interlocutor remetem às posições do falante (eu) e do ouvinte (tu, eles).



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

reflexão mais aprofundada, dado o seu comportamento na interação comunicativa onde aparecem, por vezes, utilizadas com as mais diversas intenções discursivas e diluídas em um sistema de referência.

Pensado dessa forma, o presente estudo apóia-se na visão benvenistiana (1989, p.84) de que é a enunciação como ato individual que coloca em funcionamento a língua e que esta se apresenta como uma unidade de significação que não deve ser circunscrita a um léxico que se associa a uma regra fonética e morfossintática, mas sim tomada como um sistema que permite aos locutores se apropriarem dele a fim de produzirem seus enunciados particulares.

Em vista desse fundamento, a dêixis se apresenta sempre como um espaço-tempo culturalmente e historicamente construído no interior das relações de práticas discursivas. Nestes termos, o gesto interpretativo aqui sobre dêixis passa a ser visto com referência à singularidade da ocorrência do discurso no espaço e no tempo e é determinado pela sua relação funcional com a categoria de pessoa que, nas palavras de Fillmore (1971), é a âncora- mor para a atualização do elemento dêítico.

Realizados esses recortes, o estudo versará, inicialmente, sobre a construção do sentido atribuído aos dêíticos pelos linguistas e as especificidades distintas entre a dêixis espacial e a dêixis discursiva. Em seguida, direciona-se para os aspectos metodológicos dessa pesquisa. Próximo, aborda-se a configuração dos dêíticos aqui, lá e ali em uma dada situação, buscando relatar que as deiticidades destes advérbios se descrevem por recuperar discursivamente elementos na situação extralinguística ou por correlacionar o enunciado com as coordenadas da enunciação. Esta visão é contemplada quando se assume que é o critério de localização baseado na intersubjetividade que normatiza o uso dos dêíticos acima. Finalmente, de forma reflexiva, retomam-se alguns pontos que foram observados no percurso deste estudo

A construção da noção de dêixis

Segundo Cavalcante (2000), na terminologia clássica, a dêixis é um termo da semântica etimologicamente herdada dos gregos e traduzida para o latim, ligada à noção do uso dos demonstrativos e que significava um apontar, um assinalar com dedos. Todavia, para a linguística moderna, no âmbito da semântica enunciativa e da pragmática, a dêixis é uma propriedade linguística do discurso que permite que o sentido do objeto apontado seja atualizado a partir da identidade dos sujeitos e/ou da sua posição espaço-temporal na instância de interação. Para entendermos como se chegou a essa noção, reportar-nos-emos resumidamente a alguns autores como: Bühler, Lahud, Fillmore, Levinson, Lyons e Benveniste.

Na tentativa de construir uma “nova teoria da linguagem” que se afaste de uma visão representativa de mundo, Bühler (1982) propõe os dêiticos como elementos que fazem parte do campo mostrativo, constituído pelas palavras ostensivas, cujos significados dependem só da situação de interação particular. Pensamento semelhante tem Lahud (1979) que advoga que o significado dos dêiticos não se restringe a uma descrição puramente dita dos mesmos e acrescenta, diferentemente de Bühler, dois significados para esses elementos: um variável, pela relação existencial com o objeto que designa, e outro constante, pelo seu caráter convencional.

Fillmore (1971) é outro autor que acredita que a dêixis é responsável pela determinação de coordenadas do ato comunicativo, cujo foco irradiador é o sujeito enunciador. Assim o autor distingue cinco possibilidades dêiticas: a **pessoal**, relacionada à identidade dos interlocutores; a **espacial**, relacionada ao(s) lugar(res) em que locutor e interlocutores se encontram na situação de interação; a **temporal**, direcionada ao tempo de (de)codificação; a **social**, ligada às identidades sociais e aos papéis desempenhados pelos interlocutores na interação;

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

e a **discursiva**, ligada a partes do discurso em andamento que o enunciador quer focar.

Outros dois autores, que validam essas cinco categorias dêiticas, é Levinson (2007) e Lyons (1977), quando defendem que o que caracteriza a dêixis é seu caráter egocêntrico, porque o falante se coloca em seu próprio ponto de vista e estabelece a si próprio como referencial para as coordenadas de espaço e tempo. Portanto, haveria uma base dêitica sob a estrutura gramatical e sob a interpretação de qualquer expressão referencial, pois parafraseando Lyons (1977), se um referente tem uma localização textual, ele será encontrado em uma certa parte do discurso tal qual está estruturado, temporariamente pelo texto.

Por outro lado, as chamadas análises enunciativas da língua, cujo representante maior é Benveniste (1989), também atribuem ao fenômeno dêitico importância na construção e na organização da enunciação. Segundo Benveniste, a dêixis diz respeito à subjetividade do sujeito enunciador que não pode ser concebido a não ser por contraste com o TU. O sujeito falante eleva, então, o outro à condição de existência no processo da enunciação, criando uma realidade dialética, interativa de tal modo que as marcas subjetivas de ambos emergem do sistema a cada passo. Diante do destaque aos indicadores 'eu/tu', é natural Benveniste (1989) afirmar que o traço essencial que caracteriza um elemento dêitico é a relação que ele estabelece com a instância do discurso que o contém a partir do indicador de pessoa, tempo e lugar.

Em resumo, podemos dizer que a dêixis, para todos os teóricos dessa seção, é um princípio organizador da linguagem e precisa ser compreendida no contexto da enunciação e sob a ótica do enunciador, que é o ponto-zero de partida para a análise das relações entre o ato de fala e a situação. Nesse sentido, passa-se então ao tópico seguinte de abordagem das categorias



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A dêixis espacial e a dêixis discursiva

Na perspectiva da pragmática funcional de Ehlich (1982), a dêixis tem por base a orientação cognitiva do leitor/ouvinte para um determinado referente. Neste caso, se um referente for identificável no espaço dêitico real em termos de localizações do enunciador ou do interlocutor durante o ato enunciativo, tem-se determinado uma dêixis espacial. Por outra via, se o referente for identificável no espaço metaforizado discursivo, identifica-se então uma dêixis discursiva.

Esta maneira de conceber a dêixis parece a priori que Ehlich (1982) nega como centro da enunciação o falante/escritor. Isso acontece porque são os espaços do que é dizível e não dizível, em termos do referente, que Ehlich descreve. Todavia, esta aparente anulação não é a intenção do teórico que assume que um dêitico toma sempre como referencial o ponto de origem do falante, ou do seu interlocutor em relação a ele. E é sobre os traços de proximidade/distância e de referência que trataremos na seção 3, após o relato metodológico da pesquisa.

Metodologia

O artigo concentra-se em uma abordagem indutiva, objetiva e descritiva a partir dos pressupostos teóricos da semântica da enunciação e da pragmática. O levantamento dos dados foi efetuado em um corpus de um discurso político da professora Amanda Gurgel, publicado no link: www.youtube.com/watch?v=8L1QYWYb8GY. A análise foi realizada pela descrição da deiticidade dos operadores linguísticos 'aqui', 'lá' e 'ali', de acordo com suas coordenadas de localização.

Análise dêitica do ‘aqui’, ‘lá’ e ‘ali’

Ao referir-se ao sistema ternário aqui / ali / lá, Lopes (1997, p. 127) designa-os como ‘advérbios demonstrativos’ ou ‘espaços topológicos’ e esclarece que o único traço comum a estes dêiticos é a de uma presença ou vizinhança espaço-temporal, cuja métrica e cuja interioridade ou exterioridade, relativa a outras vizinhanças, apenas se determinam em relação ao sujeito e às suas coordenadas da situação e do contexto da própria enunciação.

Delimitada estas fronteiras, o presente estudo distingue estas duas coordenadas, destacando também o ponto de referência destes dêiticos em relação ao locutor e ao interlocutor.

Situação real da enunciação: o dêitico espacial ‘aqui’

Esta coordenada é associada pelos linguistas à presença das deixes de pessoa, de tempo e de espaço. Todavia, para o dêitico ‘aqui’, reportamo-nos somente a esta última para a análise a seguir dos oito fragmentos de enunciados, uma vez que observamos a presença deste dêitico somente com a função de referenciar a localização dos participantes.

Passamo-nos agora para a leitura dos fragmentos 1 e 2:

Fragmento 1: Bom dia a todas e todos! Eu, durante cada fala **aqui** eu pensava em como organizar a minha fala. Não é? Porque são assim tantas as questões a serem colocadas e tantas angústias, né, do dia a dia de quem está em sala de aula, de quem está em escola, que eu queria pelo menos conseguir sintetizar minimamente essas angústias. (Início do discurso)

Fragmento 2: São muitas questões muito complexas que poderiam ser colocadas aqui. Mas infelizmente o tempo é curto e eu gostaria de solicitar isso em nome dos meus colegas que comem o cuscus alegado, em nome dos meus colegas que pegam três ônibus para chegar ao seu local de trabalho, em nome de Jéssica que tá sem aula nesse momento, mas que fica sem assistir aula por muitos outros motivos, por falta de professor, por falta de merenda. (Fim do discurso)

Ao analisar os fragmentos acima, primeiramente, observamos que, no fragmento 1, enquanto o dêitico ‘aqui’ é usado externamente próximo às posições do locutor, dos interlocutores (ouvintes a quem se dirige) e daqueles (3ª pessoa que discursaram anteriormente), este mesmo dêitico é usado internamente para referenciar o espaço de localização do locutor na sala da Assembléia no momento de construção do seu discurso. Diríamos que se trata de “vizinhanças” muito variáveis em termos de espaço, da mais circunscrita (o ‘aqui’ de mim) à mais genérica (o ‘aqui’ de vocês), mantendo-se o “eu” enunciador constante. Segundo, verifica-se que, no fragmento 2, o dêitico ‘aqui’ é posto próximo ao locutor em relação às coisas, mas também carrega em si a ideia de temporalidade ‘aqui’ (nesse momento). Poderíamos dizer que, ao apontar explicitamente o espaço, o falante está a fazê-lo num determinado momento (o momento da enunciação). Tal como é sugerido por Fonseca (1996), que evidencia a dêixis pessoal determinando a dêixis espacial, estando subjacente neste processo a informação temporal.

Façamo-nos a seguir a leitura dos fragmentos de 3, 4 e 5:

Fragmento 3: Mas também como as pessoas apresentam muitos números e como sempre colocam os números são irrefutáveis, eu gostaria também de apresentar um número pra iniciar a minha fala que é um número composto por três algarismos apenas, bem diferentes dos outros números que são apresentados **aqui**

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

com tantos algarismos: que é o número do meu salário, não é? Um 9, um 3 e um 0. Meu salário base: R\$ 930.

Fragmento 4: E aí, eu gostaria de fazer uma pergunta a todas e todos que estão aqui,[se/de] nível superior com especialização. É...Se vocês conseguiram, mas também respondam só se não ficarem constrangidos, obviamente, se vocês conseguiram sobreviver ou manter o padrão de vida que vocês mantêm, com esse salário? Não conseguiriam.

Fragmento 5: Certamente esse salário, ele não é suficiente pra pagar nem a indumentária, né, que os senhores e as senhoras utilizam pra poder frequentar esta **Casa, aqui**. Não é?

Explorando os três fragmentos acima, constata-se, que o 'aqui', para além de remeter para o espaço do locutor, parece tornar-se ainda mais circunscrito às dimensões dos interlocutores. Isso acontece, por um lado, porque este dêitico encontra-se referendado na zona do que é comum e dizível ao locutor e aos interlocutores (altas somas, padrão de vida), e, por outro lado, porque o locutor posiciona-se, nos fragmentos 3 e 4, como modalizador discursivo sobre os interlocutores, ao solicitar informação (o 'eu' querer) e como modalizador sobre o dito, no fragmento 5, ao constatar um ponto de vista (o 'eu' certeza) do que foi enunciado. Convém ainda observar que, no fragmento 5, o dêitico 'aqui' emerge retomando anaforicamente o dêitico espacial 'casa'. O que nos parece, reportando a Eguren (1999), é que o 'aqui' foi usado para fazer referência a algo que se encontrava por analogia dentro do espaço situacional do locutor. Neste caso, de acordo com Levinson (2007, p.98), o 'aqui' "pode ser glosado como a 'unidade de espaço pragmaticamente dada que inclui a localização do falante no TC", que, por



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

assim dizer é o local 'Casa'(Assembleia) no qual o locutor estava a enunciar o seu discurso no tempo codificado.

Vejamo-nos agora os fragmentos seguintes:

Fragmento 6: Fora isso, qualquer colocação que seja feita aqui, qualquer consideração que seja feita aqui, é apenas para mascarar uma verdade que é uma verdade visível a todo mundo: que é o fato de que em nenhum governo, em nenhum momento, que nós estivemos no nosso Estado, na nossa Cidade, no nosso País, a educação foi uma prioridade.

Fragmento 7: Então assim, me preocupa muitíssimo a fala da maioria aqui, inclusive da secretária Betânia Ramalho, com o todo respeito, que é: “não vamos falar da situação precária porque a isso todo mundo já sabe”.

Fragmento 8: E eu não me sinto constrangida em apresentar o meu contracheque nem a aluno nem a professor nem a nenhum dos senhores aqui, porque eu penso que o constrangimento deve vir de vocês. Sinto muito, eu lamento, mas deveriam todos estar constrangidos. Entende?

Em todos esses fragmentos acima, há uma relação direta de proximidade relativa do 'aqui' com os interlocutores. Isto implica dizer, que o locutor usa a dêixis 'aqui' para criar um campo topológico de impessoalidade de tempo-presente quanto ao que possa ser realizado (fragmento 6), quanto ao que é dito consensualmente (fragmento7) e quanto ao que é de conhecimento público (fragmento 8) dos interlocutores – o 'aqui' de vós – na cena enunciativa. Desse modo, somos conduzidos a ver, nas instâncias desses discursos, duas localizações:

a situacional e as de marcas da instância-temporal discursiva em que se movimentam o locutor e os interlocutores.

Discorramo-nos, analiticamente, na subseção seguinte, a segunda coordenada.

Contexto da própria enunciação: as deixes discursivas ‘lá’ e ‘ali’

Essa coordenada relaciona-se à dêixis discursiva, que nas palavras de Levinson (2007, p.105) “[...] diz respeito ao uso de expressões num enunciado para fazer referência a alguma parte do discurso que contém esse enunciado (ou ao próprio enunciado)”. Dito assim, aqui, na análise realizada, localizam-se as deixes ‘lá’ e ‘ali’, que serão apresentadas nos fragmentos 9, 10 e 11, a seguir:

Fragmento 9: Então, eu gostaria de pedir aos senhores, inclusive, que se libertem dessa concepção errônea, extremamente equivocada, e isso eu digo com propriedade porque sou eu que estou **lá**, inclusive, além, propriedade maior até do que os grandes estudiosos.

Fragmento 10: Como se nós fossemos os responsáveis pelo caos que na verdade só se apresenta pra sociedade quando nós estamos em greve, mas que tá **lá** todos os dias, dentro da sala de aula, dentro da escola, em todos os lugares.

Fragmento 11: Pedimos aos deputados apoio. Estejam mais presentes, participem **ali**. Vão à nossa Assembléia.

A primeira leitura que se pode fazer desses três fragmentos é de natureza relacional dos dêiticos. Neste caso, observa-se, de modo geral, um ponto de



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

aproximação entre ambos. No momento em que o locutor emprega os circunstanciais de lugar 'lá' e 'ali', ele se coloca na perspectiva de quem enuncia este ato e se transfere, assim, para outro espaço cognitivo de manifesta proximidade. Neste caso, estamos diante de dêiticos discursivos híbridos que apontam uma dupla indicialidade. Uma que se dirige ao campo em que estão o locutor e os interlocutores. É o 'Aqui' real de onde se enuncia e se participa, mas que se apresenta como pano de fundo da enunciação. E outra que aponta para um espaço físico distante da posição real dos interlocutores. É o 'lá' e o 'Ali' de onde não se enuncia, mas que se encontra referenciada figurativamente na extensão do tempo da instância enunciativa do locutor em uma estratégia de monitoração cognitiva, que, segundo Marcuschi (1997b), altera o foco de atenção dos interlocutores. Assim, mais do que localizar a posição do objeto discursivo dos interlocutores, os dêiticos discursivos acima retomam a entidade (a sala de aula/Assembleia) e o fato historicamente construído (a situação precária da educação).

A segunda leitura diz respeito à natureza das singularidades de cada um destes fragmentos no momento enunciativo. No fragmento 9, assim que o locutor ao enunciar "sou eu que estou lá", ele deriva, o que Levinson (2007, p. 99) chama de dupla oposição: "sou eu que estou aqui". Visto dessa maneira, a dêixis discursiva cria um campo de perspectiva comum e preferencial de observação discursiva dentro de um mesmo espaço-tempo, remetendo para um dos pontos das discussões: a sala de aula e as suas dificuldades. Já nos fragmentos 10 e 11, o destaque é dado pelas discursivas 'lá' e 'ali' que parecem remeter tipicamente às situações espaciais acessíveis aos interlocutores e à terceira pessoa. Neste caso, verifica-se que, no fragmento 10, a dêixis 'lá' têm uma equivalência com o 'aí' como forma de situar referentes (o caos em todo âmbito educacional) o mais próximo dos interlocutores. Ao passo que, no fragmento 11, a dêixis 'ali' é demarcada para

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

coincidir com a presença da terceira pessoa (ela – Reunião de professores) que os interlocutores podem participar.

Realizadas estas correlações internas de leitura, salientamos alguns comportamentos atípicos que estes advérbios, por vezes, nessa seção, manifestam na sua função dítica proximal/distal, corroborando o que é dito por Levinson (2007), têm relações direta com seus traços de acessibilidade, visibilidade e delimitação, sublinhando sua localização de grau maior ou menor de precisão do ponto zero discursivo do locutor.

CONCLUSÕES

Ao final desta investigação, fazem-se necessário três recortes sobre o que foi descrito acima nas duas coordenadas. O primeiro recorte que se assinala é que o dêitico 'aqui' foi usado pelo mesmo sujeito da enunciação em diferentes espaços topológicos, conforme nos é dado observar pela expressão locativa do locutor em relação ao seu(s) interlocutor(es). Dado a esta distribuição espacial, observou-se ainda que dos oito fragmentos analisados com a dêixis 'aqui', esta se apresentou com maior proximidade ao locutor, funcionando deiticamente, duas vezes, no início e ao término do discurso. No restante, dos outros fragmentos se encontrava a referendar a proximidade com os interlocutores.

O segundo recorte se relaciona aos dêiticos 'lá' e 'ali'. Estes se apresentaram no discurso direcionado ao locutor por um tempo-espaço diluído na instância enunciativa do mesmo, de modo que ao se enunciar uma dêixis como 'lá' e 'ali' se constituía por analogia um espaço para a dêixis 'aqui'.

Já o terceiro recorte se concretiza em termos das configurações das deixes acima. Neste caso, observou-se que o advérbio 'aqui' funcionou como uma dêixis espacial por se configurar em uma relação de maior ou menor proximidade

relativa ao lugar ocupado pelo locutor e pelo interlocutor na situação do discurso real. Enquanto que os advérbios 'lá' e 'ali' se configuraram como discursivas dado à particularidade de remissão a porções do contexto do discurso. A constatação desses dados, por conseguinte, acabou determinando a estrutura de apresentação desse artigo.

Balizados estes recortes, convém salientar que não foi pretensão deste estudo dar respostas fechadas a respeito da configuração topológica das deixes 'aqui', 'lá' e 'ali'. Ao contrário, a expectativa é que este artigo possa de alguma forma contribuir tanto para uma reflexão avaliativa sobre a interpretação de problemas que comprometem o sentido dos textos pela relativa instabilidade destes dêiticos quanto para a formulação de hipóteses sobre as variadas (ir) regularidades de emprego dos mesmos.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral II**. Campinas: Ponte, 1989.
- BÜHLER, K. The deitic Field of language and deitic words. In: JARVELLA, R. J.; KLEIN, W. (Eds.). **Speech, place and action: studies in deixes and related topics**. New York: John Wiley and Sons, 1982. p. 3-9.
- CAVALCANTE, M. M. **Expressões indiciais em contexto de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em letras e Linguística, UFPE, 2000.
- EGUREN, L. J. Pronombres y Adverbios Demostrativos. Las relaciones deícticas. In: I. Bosque, V. Demonte (Org.). **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. Madrid: Espasa, 1999. p. 929-972.
- EHLICH, K. Anaphora and dêixis: same, similar or different? In: JARVELLA, R. J.; KLEIN, W. (Eds.). **Speech, place and action: studies in deixes and related topics**. New York: John Wiley and Sons, 1982. p. 3-9.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

FILLMORE, C. **Santa Cruz Lectures on dêixis**. Berkeley: University of California, 1971.

FONSECA, F. I. Deixis e pragmática linguística. In Faria I.H.; E. R. Pedro; I. Duarte; C. Gouveia (Org.). **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 1996. p. 437-445.

GURGEL, Amanda. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=8L1QYWYb8GY>>. Acesso em: 23 Maio 2011.

LAHUD, M. **A propósito da noção de deixis**. São Paulo: Ática, 1979.

LEVINSON, S. C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LOPES, O. Topologias da “deixis” em Português. XV Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas (Rio de Janeiro). Publicado em: F. Oliveira, A. M. Brito (Coord.). **Entre a palavra e o discurso. Estudos de Linguística**. Porto: Campo das Letras, 1997. p.121-149.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A dêixis discursive como estratégia de monitoração cognitiva. In: KOCH, I.; BARROS, K. (Org.). **Tópicos em linguística de texto e análise da conversação**. Natal: EDUFERN, 1997b. p. 156-171.